



A INTUIÇÃO CRIADORA NO PENSAMENTO ESTÉTICO DE JACQUES MARITAIN

Iuri Nack Buss¹
Donizeti Pessi²
Ingrid Gayer Pessi³

Resumo: O presente trabalho, de caráter qualitativo e de abordagem teórico-bibliográfica, tem como objetivo geral apresentar uma reflexão sobre a estética com base no pensamento do filósofo francês Jacques Maritain. Intenta ainda, como objetivo específico, compreender o conceito de intuição criadora na filosofia de Jacques Maritain e explicitar sua importância fundamental na criação artística como uma expressão genuína da integridade intelectual do homem-artista. Para fundamentar teoricamente a pesquisa recorreu-se à literatura de Jacques Maritain (1938; 1977). A discussão apresentada está balizada na reflexão estético-filosófica acerca da intuição criadora.

Palavras-chave: Estética. Filosofia. Intuição Criadora.

Introdução

Reflexões filosóficas na área da estética são sempre pertinentes, já que esse campo de estudo propõe a investigação de elementos – como a arte e o belo – que fazem parte da vida humana desde os seus primórdios. Para uma pesquisa nessa área é necessário estabelecer elementos histórico-conceituais que lancem as bases para um estudo mais específico. Neste sentido, segundo Kirchof (2003), para muitos pensadores do século XX, o conceito de estética como uma área de estudo filosófico, entendida como *disciplina do conhecimento sensível*, surgiu na metade do século XVIII com o filósofo alemão Alexander Baumgarten (1714-1762) e sua obra *Aesthetica*.

Suassuna (2014) ressalta que nos períodos do pensamento Antigo e Medieval, aquilo que talvez hoje chamássemos de estética era compreendido amplamente como *filosofia do belo*. Contudo, a estética não reflete apenas a respeito do belo, como uma característica de harmonia, proporção e serenidade – de um ponto de vista clássico-medieval – mas também a respeito de tudo aquilo pelo que os artistas e pensadores desse campo demonstrem interesse, como o trágico, o cômico, o sublime e mesmo o feio, o horrível, o monstruoso, entre outros aspectos perceptivos provocados pela arte e pela própria natureza. O desejo, manifestado especialmente na modernidade, de uma classificação científica da estética, no entanto, seria inconveniente, uma vez que a amplitude de categorias estéticas torna a delimitação deste ramo de conhecimento uma tarefa complexa e talvez improdutiva do ponto de vista epistemológico.

Outro aspecto destacado por Vázquez (1999) é que no período moderno, a partir do século XVIII, as reflexões sobre a estética tiveram seu eixo deslocado do objeto para o sujeito. Tal influência subjetiva alcança as correntes estéticas até a contemporaneidade, de modo que desde a modernidade até hoje, “[...] a estética, tendo renunciado em princípio a todo cânone, é caracterizada por uma abundância

¹Acadêmico do Curso Filosofia do Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae* (IFITEME), iuri_n_buss@hotmail.com.

²Professor Orientador, IFITEME, donizetipessi@hotmail.com.

³Professora de metodologia científica, IFITEME, igpessi@hotmail.com.

de correntes, cada uma constituindo suas teorias particulares.” (JAPIASSÚ, 2001, p. 68).

É evidente que não há uma definição estritamente fechada, mas a partir desse panorama geral, é possível seguir para a apresentação de elementos de uma abordagem filosófica mais específica da estética, tendo como centro o belo e a arte.

Objetivos

Este trabalho tem como objetivo geral apresentar uma reflexão sobre a estética no pensamento do filósofo francês Jacques Maritain. Intenta ainda compreender o conceito de *intuição criadora* na filosofia de Jacques Maritain e sua essencialidade na criação artística como uma expressão genuína da integridade intelectual do artista.

Metodologia

A metodologia desta pesquisa apresenta um caráter qualitativo e uma abordagem teórico-bibliográfica a fim de corresponder aos objetivos propostos. A revisão bibliográfica fundamenta-se nas principais obras sobre estética de Jacques Maritain (1938; 1977): *Art and Scholasticism (Arte e Escolástica)* e *Creative Intuition in Art and Poetry (A Intuição Criadora na Arte e na Poesia)*; bem como nas obras de estudiosos da estética e da filosofia de Jacques Maritain, como: Wilson (1992), Kirchof (2003), Sampaio (1997), Suassuna (2014) e Vázquez (1999).

Discussão

Para uma reflexão sobre o pensamento estético de Jacques Maritain, propõe-se aqui um caminho que busca esclarecer o que este filósofo entende por alguns dos aspectos centrais de seu estudo nessa área, como por exemplo, o significado da arte, do belo e da poesia, para que se chegue ao objetivo final de compreender o significado básico da chamada *intuição criadora*.

É com o fundamento na escolástica que Maritain (1938) dispõe a arte, entendida genericamente, como operação do intelecto humano, ou seja, a arte pertence à ordem prática do intelecto, pois visa não apenas o gozo do conhecimento por si mesmo, mas também possui uma utilidade concreta, visa alguma ação ou realiza-se em uma obra concreta a partir do conhecimento alcançado. Ainda do ponto de vista escolástico, existe uma distinção dentro do âmbito da ordem prática do intelecto, que se trata da diferença entre o *agire* o *fazer* (produzir). O *agir* diz respeito ao uso que o homem faz das próprias faculdades em plena liberdade com a finalidade de alcançar o bem de si mesmo, encontrando-se, portanto, na esfera da moralidade, uma vez que depende da vontade e das inclinações do homem, assim como da virtude da prudência. Já o *fazer* diz respeito às coisas que o homem produz, ou seja, é a ação ordenada para um fim particular em si mesmo, que busca a perfeição e o bem do próprio trabalho produzido e não do homem que pratica esta ação. Portanto, a arte, em seu sentido universal, encontra-se na ordem prática do intelecto e ainda mais especificamente na esfera do *fazer*, pois sua finalidade e mesmo suas regras e valores independem da moralidade, mas pertencem à obra em si. Ainda assim, mesmo que a finalidade da arte não seja propriamente humana, o elemento formal da arte é o intelecto. Ou seja, a arte não existe sem o homem, de modo que a obra a ser produzida é a matéria da arte e a reta razão é a sua forma.

No âmbito do intelecto prático na esfera do fazer, segundo Maritain (1938), os escolásticos dividiam as artes entre *servis* e *liberais*. As primeiras indicam as artes que causam algum efeito ou alteração em uma matéria (fabricação de móveis, pintura e escultura, por exemplo) e as outras são aquelas constituídas de construções que permanecem na mente (aritmética, gramática e música, por exemplo). Há também a distinção mais moderna entre as *belas-artes* e as chamadas *artes úteis*. Maritain (1938) deseja manter uma diferença entre os tipos de arte, mas propõe conceitos diferentes, de modo que os limites sejam mais flexíveis, ou seja, as artes deveriam ser classificadas filosoficamente de acordo com o grau de seu comprometimento com o bem da obra em si na liberdade criadora imersa na infinidade de expressões do belo (*artes autossuficientes*) ou com o grau de seu comprometimento com uma necessidade específica da humanidade (*artes subordinadas*). De modo que em muitos casos as obras não estão completamente comprometidas com apenas um desses dois campos, ainda que especialmente as belas-artes ou artes autossuficientes almejem estar totalmente voltadas para a pureza da criação no belo.

Seguindo a tradição tomista, e entendendo o belo como um valor transcendental, Ivanov (2006) apresenta as três condições básicas para que haja beleza: integridade (amor do intelecto ao ente), proporção (amor do intelecto à ordem e à unidade) e clareza (amor do intelecto à inteligibilidade). Maritain (1938) lembra, no entanto, que Tomás de Aquino adverte que devido a sua natureza (transcendente e infinita), a percepção do belo depende das disposições do sujeito. Assim, algo pode ser percebido como belo por alguns e não por outros, por ser belo sob determinados aspectos mais ou menos suscetíveis ao discernimento do intelecto de cada um.

Para explicar a capacidade criadora do homem-artista, Maritain (1977) entende que o homem é dotado de um inconsciente espiritual – diferente do inconsciente freudiano instintivo-automático. Na estrutura do intelecto humano há uma atividade pré-consciente e pré-conceitual que garante o nascimento de ideias e onde a poesia e a inspiração poética têm sua fonte primordial.

É em um sentido mais profundo que Maritain (1977) utiliza o termo poesia, não como a arte de escrever versos, mas sim como o elemento que, veladamente, dá vida a todo tipo de arte. Ou seja, poesia é o elemento capaz de gerar uma intercomunicação entre o ser das coisas e o ser do sujeito. Como destaca Wilson (1992), no pensamento grego havia o verbo *poetizar* que originalmente designava *produzir* ou *fazer*, mas que passou a significar mais amplamente *criar*, sendo que o ato de criar era chamado, em grego, *poiesis* – processo pelo qual algo passa do não-ser ao ser. Isso revela a compreensão de que todas as artes são *poesias* e todos os artistas são *poetas*.

Assim sendo, o inconsciente espiritual do intelecto não é dominado exclusivamente pelo processo lógico de formação de conceitos, mas apresenta um tipo de atividade livre das restrições do discurso racional e científico, livre da regulação das ações humanas e livre da necessidade de orientar moralmente a vida humana. Isso não significa, porém, que essa liberdade de que goza o inconsciente espiritual do intelecto não seja cognitiva e produtiva e que não tenha uma lei própria cujo objetivo é manifestar a criatividade do espírito humano. Por isso, tal liberdade engloba, simultaneamente, todas as potências que têm raiz comum na alma humana (imaginação, sentidos, desejos) em um sentido integral e total. (MARITAIN, 1977).

Este tipo de conhecimento envolvido na atividade poética provém da liberdade criativa do ato intelectual do homem, de modo que tal ato não é formado

pelas coisas, mas, em sua própria essência, é formativo, em analogia ao ato criador por excelência, de Deus, que é pura e verdadeiramente formativo. A criação humana, evidentemente, depende em vários sentidos das coisas do mundo, das formas, das belezas, dos sinais, das técnicas e de tudo o que faz parte da natureza e que já foi feito anteriormente pelos próprios homens. No entanto, tudo isso, ao estar submetido ao ato criador humano manifestará, inevitavelmente, a própria essência do homem. Uma vez, porém, que é impossível ao homem conhecer a sua própria subjetividade em totalidade, o conhecimento poético depende diretamente do conhecimento da realidade objetiva, não através da estruturação lógico-conceitual, e sim através de uma espécie de união afetiva que ocorre por conaturalidade, ou seja, quando as coisas são conhecidas como inseparáveis e identificadas ao sujeito. (MARITAIN, 1977).

A intuição criadora, portanto, como fonte do conhecimento poético, tem sua raiz no inconsciente espiritual do intelecto e representa a capacidade do homem-artista de perceber elementos objetivos como conaturais à sua subjetividade, de modo que se tornem elementos formativos que possuem a potência de gerar livremente espectros do belo através da emoção – não como expressão de um sentimentalismo, mas como um instrumento imaterial que tende à criação artística. Sendo que tal emoção carrega em si um conjunto de significados mais amplos e profundos que o próprio ser das coisas e do sujeito e que se expressa concretamente em uma obra de arte. (MARITAIN, 1977).

Considerações finais

A partir desta pesquisa percebe-se que o conceito de intuição criadora tem papel fundamental na compreensão da arte, do belo e da poesia, segundo o pensamento de Jacques Maritain. Tal conceito representa, ainda, uma leitura filosófica com capacidades de olhar para a produção artística com uma profundidade incomum em tempos atuais, nos quais tende a prevalecer um sentimentalismo sensual como produto a ser vendido ou uma carência de comprometimento com a verdadeira liberdade criadora. Portanto, a importância fundamental da intuição criadora na produção artística como uma expressão genuína da integridade intelectual do homem-artista, ficou evidenciada, como era o objetivo deste trabalho. Corroboram para estas considerações a colocação de Sampaio (1997) que demonstra que a concepção do conhecimento poético intuitivo possibilita um importante diálogo filosófico com a evolução da arte moderna, pois Maritain vê nesse processo evolutivo um desejo de libertação autêntica da razão lógico-conceitual, mas também aponta para a necessidade de uma crítica aos movimentos e expressões artísticas que buscam uma fuga da razão ou irracionalismo, pois, como foi demonstrado nesta pesquisa, o conceito de razão de um ponto de vista integral engloba muito mais do que a pura expressão discursiva, enquanto que, por outro lado, também não se limita à mera expressão de subjetivismos sedutores.

Referências

IVANOV, Andrey. **A noção do belo em Tomás de Aquino**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KIRCHOF, Edgar Roberto. **Estética e semiótica**: de Baumgarten e Kant a Umberto Eco. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MARITAIN, Jacques. **Art and Scholasticism**. Translated by J. F. Scanlan. New York: Charles Scribner's Sons, 1938.

MARITAIN, Jacques. **Creative Intuition in Art and Poetry**. Bollingen Series XXXV-1. Princeton: Princeton University Press, 1977.

SAMPAIO, Laura Fraga de Almeida. **A intuição na filosofia de Jacques Maritain**. Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Convite à estética**. Trad.: Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

WILSON, Lucía. La Experiencia Estética En Jacques Maritain. **Logos: Revista de Lingüística, Filosofía y Literatura**, n. 6-7, p. 189, 1992.